

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

1.º de Janeiro de 1863.

VIII.

SUMMARIO.

O SNR. D: PEDRO II, por J. P. de C. pag.	237	SERÁ PROLOGO? — O DINHEIRO, por F. X. de Novaes. pag.	257
QUE DESTINO! por Camillo Castello Branco pag.	247	FASCINAÇÃO, por M. de Assis. pag.	263
CHRONICA DA LITTER. PORTUGUEZA, por J. D. Ramalho Ortigão. pag.	253	A ARTHUR NAPOLEÃO, por F. X. de Novaes pag.	264
		CHRONICA, por Machado d'Assis. pag.	265

RIO DE JANEIRO

Typ. DE BRITO & BRAGA, TRAVESSA DO OUVIDOR N: 17.

ESPERANÇA
POLKA
para piano
POR
F. MONIZ BARRETTO JUNIOR.

All^o

The first system of music is in 2/4 time. The treble staff begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The bass staff begins with a bass clef. The music starts with a forte (f) dynamic and includes a piano (p) dynamic later in the system.

Movimento de Polka

The second system is marked 'Movimento de Polka'. It continues in the same key signature and time signature, featuring a more rhythmic and dance-like feel.

1^a volta.

The third system contains a first ending bracket labeled '1^a volta.' The music concludes with a double bar line and repeat dots.

2^a volta

The fourth system contains a second ending bracket labeled '2^a volta.' This system provides an alternative conclusion to the piece.

The fifth system continues the musical piece with various rhythmic patterns and chordal textures in both hands.

First system of musical notation. Treble clef, key signature of one sharp (F#). The right hand features a complex, rapid passage with many beamed notes and slurs. A dashed line above the staff is labeled "8a". The left hand plays a steady accompaniment of eighth notes. A dynamic marking of *f* (forte) is present.

Second system of musical notation. Treble clef, key signature of one sharp (F#). Similar to the first system, it features a complex right-hand passage with a dashed line labeled "8a". The left hand continues with eighth-note accompaniment. A dynamic marking of *f* is present.

Third system of musical notation. Treble clef, key signature of one sharp (F#). The right hand has several measures with a double bar line, indicating a section change or a specific performance instruction. The left hand continues with eighth-note accompaniment.

Fourth system of musical notation. Treble clef, key signature of one sharp (F#). The right hand continues with complex passages, including a dashed line labeled "8a". The left hand continues with eighth-note accompaniment.

Fifth system of musical notation. Treble clef, key signature of one sharp (F#). It begins with two boxed sections: "1ª volta" and "2ª volta.", each with a specific right-hand melodic line. This is followed by the section labeled "TRIO.", which starts with a key signature change to one flat (Bb) and a dynamic marking of *p* (piano). The right hand features a triplet of eighth notes. The left hand continues with eighth-note accompaniment. Dynamic markings of *p* and *f* are used throughout.

First system of musical notation. The treble clef staff contains a melodic line with eighth-note patterns and slurs. The bass clef staff contains a bass line with chords and eighth notes. The key signature has one flat (B-flat).

Second system of musical notation. The treble clef staff continues the melodic line. The bass clef staff includes dynamic markings 'p' (piano) and 'f' (forte). The key signature has one flat.

Third system of musical notation. The treble clef staff features more complex melodic patterns with slurs. The bass clef staff continues with chords and eighth notes. The key signature has one flat.

Fourth system of musical notation. The treble clef staff shows a melodic line with some chromaticism and slurs. The bass clef staff has chords and eighth notes. The key signature has one flat.

Fifth system of musical notation. The treble clef staff contains a melodic line with slurs and some chromaticism. The bass clef staff includes a dynamic marking 'f' (forte). The key signature has one flat.

First system of musical notation. Treble clef, bass clef. Dynamics: *p* (piano) and *f* (forte). A triplet of eighth notes is marked with a '3' and a slur.

Second system of musical notation. Treble clef, bass clef. Continuation of the piece.

Third system of musical notation. Treble clef, bass clef. The word "CODA" is written in the left margin of the treble staff.

Fourth system of musical notation. Treble clef, bass clef. A fermata is placed over a note in the treble staff, with the marking "ga" below it.

Fifth system of musical notation. Treble clef, bass clef. Continuation of the piece.

Sixth system of musical notation. Treble clef, bass clef. A fermata is placed over a note in the treble staff, with the marking "ga" below it.

O SENHOR D PEDRO II.

IMPERADOR DO BRASIL.

(Continuado da pagina 216.)

IX.

Bem saberia agora concluir estas linhas toscas com a narração de alguns actos praticados pelo Sr. D. Pedro II, que, melhor que simples palavras, o revelassem em acção. Por temor de dar a este singelo estudo dimensões, que já talvez fatiguem o leitor, tiraremos, ao acaso, de uma vida tão fecunda neste genero, umas poucas de taes anedotas.

Da boca de uma nobre dama, talentosa e erudita, que zelosamente servio ás Augustas Princezas, irmãs do Imperador, ouvimos narrar successos da extrema infancia de S. M., que muito o honram. Tão educados foram no espirito religioso, que até os brinquedos infantis eram muitas vezes imitações do culto. A encantadora Princeza Sra. D. Francisca revestia-se de padre; sua irmã e seu irmão eram acolytos; e não deixava de ser curiosa a seriedade de que se embebiam nestas occupações innocentes, mas que desde o berço revelavam a tendencia do espirito religioso.

E para patentear o desenvolvimento que este tem assumido no animo do soberano, diremos que não ha solemnidade da egreja, em que S. M. não timbre de dar o exemplo de devoção, assistindo, com singular compostura, a todas as grandes funcções religiosas. Os dias da Semana Santa são todos pela imperial familia passados no templo. Elle mesmo lava os pés aos pobres, e o seu Paço torna-se nesses dias morada delles. No da Paixão de Jesus-Christo todos os annos abundancia de mercês e perdões abrem portas de carceres

a desgraçados. Ha tanto quem barafuste por mercês honorificas, mas que alardeando despresa-las depois de obtidas, nem se quer se dê ao incommodo de acompanhar o rei dos céos, e o rei da terra, em certas procissões, e actos publicos religiosos! envergonham-se! Não se envergonha o Imperador, a quem não ha sóes, chuvas, nem intemperies, que estorvem de ir pegando na vara do pálio, que cobre a sagrada particula.

Em suas viagens, ao chegar a qualquer localidade, é a casa do Senhor a primeira que visita, entoando o *Te-Deum laudamus*, e escutando a palavra dos oradores sagrados. Nas suas proprias capellas imperiaes, mórmente nos Paços da cidade, e de S. Christovão, todas as festividades do culto são feitas com grande pompa; e não ha acontecimento grave de seus parentes, em que, nas festas, nas exequias ou nos officios funebres, elle se não prostre a implorar sentidamente o Deus das misericordias. Sempre que algum acontecimento extraordinario occorre, interessando a religião, deseja S. M. que ninguem primeiro se apresse em demonstrar a sua submissão aos mandados da egreja (*).

A mesma Dama, de quem acima fallamos, nos conta um caso bem digno de sympathia. Ainda o Imperador não tinha completado a idade de nove annos: suas irmãs apenas contavam dez e doze, quando um dia funesto lhes trouxe a tremenda nova da morte de seo pae, ao mesmo tempo dada aos tres principes por tres diversas pessoas. Era golpe tão profundo em todos esses peitos juvenis, era tão commum a orfandade em que todos ficavam, tanto se haviam acostumado a sentir juntos as mesmas dores, que, por um singular

(*) Daremos um entre muitos exemplos. Na viagem de Monsenhor Miranda Rego, parochio de Santa Anna, a Roma, Sua Santidade fez ao digno ecclesiastico a mais rica dadiva, entregando-lhe os preciosos restos mortaes da Santa Virgem Prescilianiana, a adoravel romana, de idade de 16 annos, que o Imperador Juliano Apostata mandou baldadamente submeter aos mais horriveis tormentos, até que, nada podendo conseguir da heroica virtude da virgem, lhe mandou atravessar uma espada pelo pescoço. Jaziam esses despojos venerandos, n'uma das catacumbas do cemiterio subterraneo de Ciriaco, na via Tiburtina, e foram por especial graça do Summo Pontifice concedidos ao referido monsenhor, para se collocarem na sua egreja parochial. Dentro da catacumba, juncto ao esqueleto da sancta virgem, do lado da cabeça, estava um vaso de barro, contendo o seu sangue com arêa, assim como foi apanhado no dia do seu martyrio, e o nome da virgem gravado no bojo do mesmo vaso, o qual tambem foi concedido por sua Santidade, e se acha dentro da arca, que contem as sanctas reliquias. Os ossos da sancta estão vestidos de um envoltorio de cera, que a representa na sua idade de 16 annos, e só o alto da cabeça está descoberto, para lhe deixar ver o verdadeiro craneo.

Ordenou S. M. que esta honrosa trasladação se effectuasse com a maior solemnidade; e no dia 17 de Maio de 1846 foi o corpo transportado da capella de S. Francisco Xavier da Prainha para a freguezia de Santa Anna. As 3 horas e meia, os bispos do Rio, e de Chrisopolis, o Internuncio, o cabido da cathedral, e capella imperial, e numerosa cleresia, assistiram á abertura, e verificação da arca, e feita a leitura do Breve, e lavrado o auto, e com o thuribulo prestados os primeiros cultos ás sagradas reliquias, começaram a desfilar

movimento instinctivo, o principe, e as princezas, saíram dos aposentos em que se achavam, com o unico fito de se procurarem reciprocamente; encontrando-se logo, todos tres se enlaçaram no mais doloroso amplexo mudo, até que torrentes de lagrimas, e ais, proromperam dos amargurados peitos, com uma intensidade, e affecto filial, capaz de commover o mais empedrado coração, que semelhante espectaculo presenciasse.

Ainda pelo mesmo canal, soubemos que, na mais extrema infancia, desde que o imperial menino começou a fazer suas excursões pelos arredores do palacio, entrou a pedir que, sempre que elle sahisse, lhe dessem bastante dinheiro em prata. Voltava sempre para casa sem um ceutil: aquellas quantias eram todas destinadas aos soldados, e aos pobres, que encontrava.

Muí numerosos são os casos, como dissemos, em que S. M. tem tomado talentos nascentes sob sua protecção, já animando-os, já galardoando-os, já emfim habilitando-os a completar, no paiz ou fóra, estudos, que os convertam em cidadãos altamente uteis á patria. Nesta ordem de factos, muitos conhecemos assás honrosos; mas ainda recentemente ouvimos a um talentoso joven, aliás desprovido de bens da fortuna, que, indo despedir-se de S. M., o Imperador, após uma conferencia toda paternal, foi o principe que, por iniciativa sua, começou provocando-o para que lhe revelasse a sua situação; e como o pundonor do mancebo obstasse a tal revelação, foi S. M. quem lhe disse que lhe escrevesse apenas sentisse qualquer urgencia a que não podesse fazer face, ou se dirigisse logo á Legação da terra para onde se transportava; pois elle não consentiria que lhe faltassem quaesquer meios para se applicar, como desejava. Taes beneficios são, pois, sobredonrados pela delicadeza da espontanea iniciativa.

o prestito. Numerosas irmandades, confrarias, ordens terceiras, corporações monachaes e claustraes, parochos, e clero secular de todas as freguezias, seguiam em duas alas, levando ao meio erguidas suas cruces. Diante da arca, uma turma de 200 meninas, de 8 a 11 annos, vestidas de longas tunicas brancas até os pés, cobertas da cabeça aos joelhos com véos brancos transparentes, coroas de rosas brancas cingindo a cabeça, e um cirio infeitado em uma mão, e um ramilhete de flôres naturaes na outra, cantando as estrophes — « Vem, ó espoza de Christo! recebe a corôa. Vem, ó *minha querida*, *entra no meu jardim!* » Seguia-se o pãdio carregado pelos fundadores da nova irmandade de Santa Prescilianiana, e sob elle a arca sancta, cujas paredes, formadas de grandes vidraças, deixavam patente o corpo virginal, que repousa deitado n'um colchão de seda de ouro. Dadas as descargas de artilharia e mosquetaria, marchou o prestito, ladeado e seguido de tropas pelas ruas cobertas de folhas e flôres, achando-se janellas, e portas forradas de cortinas de seda de gala, lançando-se por toda a parte flôres sobre o sancto corpo. Suas Magestades, o Imperador, e a Imperatriz, que esperavam a procissão, desceram, e a acompanharam, com toda a sua côrte, assistindo, no camarim imperial, a toda a solemnidade religiosa, que se verificou após a faustosa entrada da procissão.

Em certa occasião, motivos de saúde obrigaram a imperial família a transportar-se para uma localidade, onde não existe Paço. Apenas soube um respeitavel morador desse logar, dirijiu-se a S. M., representando-lhe que sua casa era insufficiente para tão alto destino, mas que, tal qual era, dispozesse o Imperador della como propria. O principe accẽitou, e durante algumas semanas alli estabelleceu sua residencia. Durante essa sua estada, houve pessoa, desconhecida do proprietario, que segredasse ao Sr. D. Pedro achar-se esse cavalheiro em precaria situação, por não ter meio de satisfazer um emprestimo avultado, que contrahira para com um cofre, e de que se lhe exigia pagamento. O Sr. D. Pedro mandou incontinenti examinar a veracidade da asserção, e o quantum da divida, e calou-se. Na occasião de regressar ao seo Paço, ao despedir-se do dono da casa, e já descendo os degrãos, disse baixinho ao seo Amphytrião: — « V. esqueceo um papel na gaveta do meu quarto; será conveniente que se não extravie. » Des que o sequito imperial deu costas, incaminhou-se o dono da casa ao logar indicado, não podendo recordar-se do que fosse o papel esquecido. Grande foi o seo espanto, quando, abrindo uma carteirinha, achou nella, não os fundos, cuja falta fazia a desesperação e ruina do honrado ancião; não, que isso seria uma delicadeza praticada de um modo vulgar; mas sim a quitação de todo o debito, já dada pelo cofre competente. Em prova de que o agraciado era digno da mercê, diremos que estes pormenores foram narrados por sua propria bocca.

Neste genero, colhemos de fidedignas fontes grande copia de actos da mais apurada, e suave caridade; mas esta virtude, essencialmente modesta, não tolera que demasiado a assoalhem; supprimamos, por tanto, paginas, quanto mais deliciosas para a leitura, tanto mais penosas sem duvida para os olhos do Senhor D. Pedro.

Qualquer que seja o pensamento util, a empreza patriótica que se projecte, ver-se-ha o primeiro magistrado nacional ser tambem o primeiro que subscreva, ampare, e incite a realisação.

E de que modo verdadeiramente regio esses auxilios são prestados, ahi surgem a cada passo os exemplos. Um, entre centenaes, ainda ha poucas semanas presenciado. Em quanto o paiz for tão vasto (*), e proporcionalmente tão pouco povoado (**), intende

(*) O Brasil é igual em superficie á Europa inteira, supprimindo as Ilhas Britannicas.

(**) Balli (cujas apreciações são tidas por mui baixas) avalia a população da Europa em 237:700:000 habitantes; e sobre esta base, competiria ao Brasil uma população superior a 200 milhões, em quanto ella deve computar-se approximadamente em 8; Era precisa, consequentemente, 25 vezes a sua população actual, para conter o mesmo

S. M., com as vistas mais sans, porque são as mais adequadas ás circumstancias peculiares do seo paiz, que, por em quanto, a sua capital fonte de opulencia deve ser a agricultura, bastando que o homem coadjuve a pasmosa prodigalidade da natureza, para fazer brotar do solo a abundancia, e riqueza. Neste presupposto, tem usado de sua esclarecida iniciativa, afim de que os povos façam convergir suas atienções para a intelligente cultura das terras, e introduccção de todos os melhoramentos que este ramo comporta. Entre os alvitres practicos, a que S. M. liga elevada importancia, é um, como já dissemos, o concurso dos Institutos agricolas, em cada uma das provincias, amplamente protegido de todas as formas por elle.

Ha poucas semanas, reunindo-se o Instituto agricola do Rio de Janeiro, para celebração de sua sessão anniversaria, e sendo (como acontece em todas as Assembléas uteis) honrado com a presença de S. M., foram proferidos varios discursos; suspendendo-se a sessão, porque o Imperador se retirava acompanhado pelo Presidente, voltou este logo á sua cadeira mui commovido, e communicando á Assembléa haver-lhe S. M. feito saber, que iam ser dadas ordens, para do seo bolsinho se entregar á associação a quantia de *cem contos de reis*, para ser applicada a seos patrioticos fins! Comprehendem-se donativos desta magnificencia (com quanto rarissimos se apontem) em Estados absolutos, onde a nação é o Soberano, cujos cofres não tem limites; mas em paiz constitucional! em terra de orçamento; com dotação annual de 800:000\$ sugeita a myriadas de encargos! Note-se mais, que a applicação dada ao imperial donativo é pura e exclusivamente proveitosa para a nação, sem que a pessoa do imperante receba dessa applicação a minima vantagem, a não ser a gloria que lhe resultará de contribuir para a prosperidade do seu paiz.

E sabeis vós quem é o Pluto, que assim semeia ouro? Onde se guarda a cornucopia de outra Amalthéa, que assim espargue abundancia? Não julgais que este melhor Aladino dispõe de alguma lampada maravilhosa, que, esfregada, ponha á sua disposição escravos, cavallos, joyas, trajos soberbos, e todas as riquezas; que

numero de habitantes que a Europa. Accresce que as terras do velho mundo são todas cansadas, e proporcionalmente estereis, em quanto nestas regiões intertropicaes, onde a terra prodiga concede muitas vezes o mesmo producto no anno ao lavrador, onde é tal a uberdade, que os tuberculos, os cereaes, o arroz produzem em muitos pontos o quintuplo do que dão as melhores terras na Europa, é evidente, que o solo sustentaria, em igual área superficial do Brasil pelo menos o dobro dos homems, que o chão da mesma Europa pode nutrir.

n'uma só noite lhe edifique um palacio portentoso, e que n'um fechar de olhos transporte esse palacio da China para a Africa e da Africa para a China?

Enganar-vos-hieis. A lampada maravilhosa não a esfrega senão em proveito dos outros, do seu paiz; para si, o mais modesto viver lhe basta, e sobra. A alimentação é para o Imperador uma aborrecida obrigação da natureza animal; contenta-se com qualquer nutrição, indifferentemente tomada, em poucos minutos de meza; não são por certo as necessidades do Imperador, que sobrecarregarão vastas ucharias. Todos os outros habitos são não menos, talvez demasiadamente, modestos. Os paços da cidade e de S. Christovão eram, em tempos afastados, residencias particulares, e nem hoje merecem outro nome; carecem de todas as commodidades, faltando-lhes até a decoração externa! Frequentes vezes se lhe tem representado que a dignidade da nação demanda que o seu chefe esteja alojado, e viva como soberano de um grande Imperio. Responde constantemente não ter meios pessoas para maiores grandezas, e não querer que o Estado contribua com gastos da residencia imperial (*).

Não é para uma vaidosa ostentação que o Senhor D. Pedro II gosa da vida. A sua casa é assaz vasta para o patriarchal viver de tão modesta familia. Comquanto muitos sejam os subditos, que, por mil titulos, vão tributar seus respeitos ao monarcha, ou collocar-se sob seu clemente manto, ha sempre logar para elles. Os sabios nacionaes, e estrangeiros que, em praticas singelas hão tido occasião de admirar o Senhor D. Pedro II, são sempre bem-vindos, e conhecem bem o caminho daquelle pequeno templo do saber, que se denomina —Bibliotheca do Imperador—.

Desejais ainda mais factos que vos revelem o que o Principe é, em materia de lettras, e seus cultores? Eis aqui alguns.

Poucas semanas ha, uma voz imprudente encheu de lucto todos os corações dos que se ufamam de nossas primeiras glorias nacionaes, mentindo o occaso da mais fulgurante estrella poetica do firmamento brasileiro, a morte de Gonsalves Dias, que se dizia acontecida no mar, em viagem para a Europa. Era uma sexta-feira, dia de sessão do Instituto, á qual, segundo seu uso, o Imperador não

(*) Muitos estadistas têm nobre, opportuna, e importunamente instado com S. M. para que consinta se fixe uma quota no orçamento para construcção de um paço condigno. Entre esses se distinguio o finado marquez de Paraná, declarando ser opinião unanime de seus amigos, que tal obra se não podia por mais tempo addiar; achou, porém, tão enérgica negativa (ao ponto de ouvir poder insistencia tal gerar uma crise) que o marquez, não obstante a tenacidade em suas idéas, teve de respeitar o nobre impulso que motivava a recusa.

faltou. Via-se, porém, sua physionomia annueada; e tendo o digno presidente ponderado quão vasta era a perda que o Instituto acabava de supportar, S. M. redarguiu que o lamentado consocio fôra bem digno de uma manifestação de pezar; pelo que levantou-se a sessão, sem nem quasi se abrir; e para logo se retiraram todos profundamente impressionados.

Outro genero, revelador do incommensuravel apreço que o sabio liga ás reliquias do entendimento humano (e que aliás se manifesta, não menos, na rica collecção, que tem ido reunindo, de inceditos, e manuscriptos preciosos): Tendo as vicissitndes politicas arremessado a estas plagas o monge beneditino, Fr. João de S. Boaventura Cardoso, da extincta casa monastica de Lisboa, este se apresentou, e offereceu a S. M. um exemplar dos *Lusiadas*, edição de 1572, todo cheio de commentarios marginaes, e asseverando serem estes do proprio punho do sublime cantor do Gama (exemplar que, embora de não tão alto valor, é conservado por S. M. como uma de suas maiores preciosidades). Para se medir a conta, e estima em que o Senhor D. Pedro tem a esse velho, e desconjuntado livro, aliás cuidadosamente guardado em sua caixa, diremos que, em remuneração de tal dadiva, premiou o ex-frade, em 1845, com a mercê da ordem de Christo, uma decoração riquissima, uma primorosa caixa de ouro cravada de diamantes, o titulo de prégador imperial, e uma importante freguezia na provincia de Santa Catharina!

Vejamos outro exemplo, em que se alliam considerações de amor ás lettras com sentimentos de piedade filial. Dissemos que sua augusta mãe se applicava desveladamente ao estudo da mineralogia, tendo colleccionado, e classificado consideravel porção de mineraes. Pouco depois da maioridade, o Senhor D. Pedro, tendo por si mesmo novamente collocado, para o ir enriquecendo, esse deposito, ainda mais caro pelas saudosas recordações que pela importancia scientifica, foi separando todos os exemplares, em que achou duplicações, e ordenou ao seu mestre o Sr. Dr. Schuck, que entregasse dous caixões dessa collecção ao collegio de Pedro II (em cujo externato ella se conserva) para que, atravez dos tempos, os beneficios de sua adorada mãe continuassem a derramar-se sobre a mocidade estudiosa, força, e esperança da nação (*).

(*) Eis como se exprime o digno reitor do externato:

« Do livro de registro respectivo consta que o reitor do antigo collegio de Pedro II participou ao Exm. Ministro do Imperio, em officio de 19 de Agosto de 1843, ter-lhe o Dr. Roque Schuck entregado uma caixa de objectos de mineralogia que S. M. o Imperador offertava ao mesmo collegio; e em officio de 23 de Novembro do referido anno, que o dito Dr. Schuck lhe trouxera segunda e ultima caixa de iguaes objectos, que formavam uma rica e numerosa collecção ».

Ainda outro facto não menos sympathico e honroso, que participa de letras, e de moral, narrado frequentemente com enthusiasmo e admiração pelo proprio com quem se passou. A uma das mais elevadas capacidades scientificas do Rio da Prata, em amigavel conversação, perguntava o Sr. D. Pedro II em que se tinha ultimamente occupado? Respondendo-lhe o estrangeiro que n'uma obra sobre determinado assumpto, a qual já levava adiantada, perguntou-lhe ainda S. M. se a não poderia ler? « Não, imperial senhor (tornou o interlocutor) pois tem capitulos que eu não desejaria que fossem vistos antes de minha morte. » — « Podem conciliar-se os desejos de ambos (redarguiu-lhe o Sr. D. Pedro), confie-me o autographo, indicando quaes os capitulos defesos, e eu verei o resto. » Não havia possibilidade de protrahir a duvida; entregou o manuscripto, com a indicação requerida, o qual foi logo lacrado; no dia seguinte ordenou a um de seus camaristas que lh'o lesse em alta voz, sem passar olhos pelos capitulos vedados, e finda a leitura, tornou a guardar-se o inedito. Logo no immediato dia restituiu o livro a seu auctor, dizendo-lhe singelamente: — « Eis aqui seu manuscripto, não li os capitulos que me indicou. » Este acto, apparentemente insignificante, era pelo estrangeiro citado como um famoso rasgo de alta integridade de character, e modelo de rectos sentimentos. E realmente (*si parva licet componere magnis*) faz este facto recordar aquelle que de Julio Cesar citam, como exemplo de magnanimidade, quando queimou, de boa fé, e sem ler, as cartas na Pharsalia tomadas na carteira de Pompeo Magno. (*)

As diversas viagens de S. M. o Imperador ás provincias hão sido largamente descriptas, em curiosas ephemerides, que se acham reunidas em livros que adornam as estantes de quasi todas as livrarias. (**) Ahi se poderiam extrahir centenaes de trechos, mui proprios para darem idéa do modo como essas uteis viagens se executaram (**), mas preferimos referir-nos englobadamente a no-

(*) Plinio o velho (11.26): *Magnanimitatis perhibuit exemplum, cui comparari non possit aliud. Illa fuit vera, et incomparabilis invicti animi sublimitas: captis apud Pharsaliam Pompeii Magni scribis epistolarum, concremasse ea, optima fide, atque non legisse.*

(**) Sob o titulo: *Itinerario da viagem de S. M. o Imperador á provincia do Rio de Janeiro em Março e Abril de 1847*, se fez a descripção meída dessa digressão, reproduzindo-se depois no *Anuario do Brasil de 1847*. A digressão ás provincias do Sul acha-se no *Anuario de 1845*, sob o titulo de *Viagem de SS. MM. II. nas provincias do Sul do Brasil*. — Quanto á visita feita ás provincias do Norte, além de parciaes monographias de provincias, continúa a sahir dos prelos uma obra de vulto, devida aos cuidados do Sr. major B. X. Pinto de Souza.

(***) Supprimamos toda a ordem de factos, de que já demos exemplos, e tomemos ao acaso um que dê idéa da lizeza das occupaões campestres, que aos augustos monarchas

licias, mui cheias de afeição e curiosidade, mas que andam em mão de todos.

Colhamos, porem, as velas. Não nos deixemos ir após o sympathico assumpto, que se fosse nossa mente reproduzir quantas honrosas aneddotas se sabem do Sr. D. Pedro II, interminavel seria a nossa tarefa : *inopem me copia fecit.*

X.

Outros, não mais convictos, porém melhor, dirão o que haja sido, seja, e tenha de ser o actual Imperador do Brasil. A posteridade, que Deus para longe lhe remova, firmará a opinião de seus contemporaneos, pois aquelle que deplorava o *Hodie diem perdidit*, não tinha melhores titulos ao sobrenome que a historia lhe confirmou de *Amor e delicias do genero humano*. Dir-se-lia ter sido para elle que Rutilio traçou aquelle elegante verso :

Quod regnas minus est, quam quod regnare mereris!

O Sr. D. Pedro II causaria admiração na Europa, se tivesse por imperio um paiz crescido em idade, e forte ; o Brasil é um gigante, mas só a Alcides no berço é dado esmagar serpes.

E' seu espirito vasto como seu immenso imperio, elevado como as magestosas cordilheiras, que dominam o solo brasileiro. Reune-se nelle o talento, o gosto da mais minuciosa analyse, a faculdade das vistas d'aguia.

Com os dotes de sua alma, uma educação admiravel, e uma infan-

serviam de desenfado, e recreio das fadigas, ou da util occupação do seu tempo. São narrações que pela singeleza expandem o coração.

Transcreveremos uma :

*.... Tanto na passagem do rio, como no transitio por terra, era immenso o concurso das pessoas que esperavam o Augusto Viajante, e que lhe davam vivas a cada instante no meio de grande entusiasmo e satisfação. Grande parte do caminho achava-se enfeitado de coqueiros, e juncado de flores, e na frente de algumas casas arcos de flores levantados.

A' chegada de S. M., que foi pelas 9 horas, antecipou-se a vir recebê-lo, em alguma distancia da fazenda, o proprietario desta, com muitas outras pessoas de sua familia. Uma hora depois teve lugar o almoço, que foi esplendido, e findo este dignou-se S. M. ir á casa do engenho, que, apesar de ser em tempo improprio, achava-se arranjado para o ver trabalhar.

« Foi S. M. quem deu começo ao trabalho, atirando ás moendas do engenho uma canna toda enfeitada com flores. A exemplo do Imperante, fizeram o mesmo os homens e senhoras que se achavam presentes, dando todos vivas a S. M., e tal foi o entusiasmo que produziu esta scena de familia, que no mesmo momento fez-se signal á banda de musica, que estava executando diversas peças, para tocar a polka, e immediatamente improvisou-se no salão contiguo á fabrica uma contradança franceza, na qual S. M. se dignou tomar parte, convidando para seu par uma das filhas do proprietario, casada com o Sr. Ribeiro de Castro.

« S. M. examinou varios edificios da fazenda, e recolheu-se a casa onde se entreteve em alegre conversação, mostrando em todo esse tempo estar muito satisfeito.

tigavel e constante applicação, era de esperar que o Sr. D. Pedro, ao cabo de 22 annos de reinado, tendo nesse largo periodo practicado com os primeiros talentos, e as primeiras illustrações do seu paiz, chegasse a tornar-se o primeiro dos brasileiros em cabedal de instrucção, como é o primeiro pela sua dedicação, e imparcialidade no serviço nacional.

Não é para elle o diadema um apanagio, e menos uma commodidade, ou uma ostentação; é o mais penoso dos onus publicos. O seu tempo é quasi todo dedicado ao estudo, ás audiencias, á direcção dos negocios.

Com tal piloto ao leme do Estado não ha que receiar naufragios, nem tormentas, nem calmarias, nem parcéis; a náu continuará singrando em não aparcellado mar, e com fagueiras brisas, para o formoso porto do progresso. Assim o assegura á patria a prudencia do seu Palinuro, de quem é licito louvar

o vasto esclarecido intendimento,
que experiencias fazem repousado;
que fica vendo, como de alto assento
o baixo tracto humano embarçado.

Possam os céos escutar os votos desta nação, tambem fidelissima, e por tempos sem fim victoriar o augusto principe, que ella se ufana de ter por chefe, e em cujo reinado gozamos o maximo grau de ventura e paz, a que uma sociedade pôde aspirar.

FIM.

JOAQUIM PINTO DE CAMPOS.



QUE DESTINO!

(Continuação.)

VI.

Ernestina, durante a prisão do amante, esteve encerrada no Recolhimento de S. Christovão, entre duas criadas que a não deixavam escrever nem conversar, com pessoa de suspeita. O destino do vil, que quizera negociar com sua honra, era-lhe de todo o ponto indifferente. A noticia da sentença, que o degredava, abalou-a mediocrementemente. Não assim a nova da morte de sua mãe, que, a um tempo, lhe dava bens de fortuna, liberdade, e o livre alvedrio de suas acções.

Sahiu logo a menina do seu carcere a tomar posse da devastada casa de seus pais. Cincoenta mil cruzados, em que foi liquidada a herança, eram ainda um dote de aguçar cobiças em espiritos despreoccupados d'umas superciliosas bagatellas, que a gente, por amor da palavra, que é bonita e necessaria, denomina « honra ».

Deram-se-lhe a escolher maridos dos mais aperaltados do tempo. Ernestina elegeu o mais apertado de cinta e garboso de fórmãs, que encontrou em casa de suas primas Soares, umas primas Soares, que se haviam envergonhado de tal parenta, quando ella cahiu, e que se haviam desenvergonhado, quando a parenta se ergueu, içada pelo guindaste dos cincoenta mil cruzados.

O noivo era um distincto jogador de bilhar na *Marrare das sete portas* em 1833. Ganhara nesta especialidade um nome e algumas moedas, com as quaes conseguira dar-se uma dupla reputação de casquilho, em que realmente primava. Ao tempo, em que elle se propoz marido de Ernestina, inventou um pai, posto que a natureza lhe tivesse dado um optimo pai, que exercia o seu honrado mister de cabelleireiro n'uma modesta loja da rua dos Calafates. O pai inventado era um fidalgo, que lhe dava uma abundante mesada por portas travessas. A Mãe era outra fidalga, que vivia n'um mosteiro muito apertado chorando as innocentes culpas d'uma cegueira de coração aos desoito annos. O bilhardeiro inventára este pai e esta mãe, dos quaes fallava com tão mysterioso recato, que nunca o

honrado cabelleireiro chegou a saber que a sua propriedade, o filho das entranhas de sua mulher, a Sra. Ignacia Torta (assim alcunhada por ser vesga), andava assim espoliada e attribuida a progenitores que nunca existiram.

Casaram, e alfaiaram a sua casa primorosamente. Ernestina estava contente, e seu marido, Alberto de Castro e Perestrello (que d'antes tinha sido Alberto Joaquim Antunes; por ser filho do Sr. José Antonio Antunes) tambem estava contente.

VII.

Sahira Alberto a comprar cavallo na feira de Evora, com dinheiro que o pai inventado lhe mandára por portas travessas, segundo elle disse a sua esposa.

Aconteceu saber o cabelleireiro n'esse dia que seu filho casára rico, e estava morando no largo do chafariz de Andaluz. O triste velho não vira seu filho nos ultimos seis mezes, e imaginava-o em Hespanha, para onde elle dissera partir a unir-se ao exercito de D. Carlos, com cuja causa o absolutista cabelleireiro, compadre do Miguel Alcaide, sympathisava do profundo das suas convicções monarchicas, e em nome das côrtes de Lamêgo.

Apenas lhe derão a nova, José Antonio Antunes lançou o capote côr de pinhão sobre as espaduas da mulher Ignacia Torta, e ambos alvoroçados foram caminho do palacete do chafariz de Andaluz.

— Olha que casarão tamanho! — disse Ignacia, em quanto seu marido puchava pelo cordão da campainha. — E nós alli mettidos na rua dos Çalafates n'aquelle buraco! Se Deos quizer, não heide lá estar muitas horas...

Sahiu uma creada á janella, e perguntou quem batia.

— Sou eu — disse Antunes.

— E quem é vossê? tornou a creada.

— Sou o pae de seu marido.

— De meu marido? Olha o diabo? eu nunca fui casada.

— Pois a menina não é a mulher do meu Alberto?

— Quem é o seu Alberto? vossê está enganado! Aqui mora o Sr. Alberto de Perestrêllo.

— O que? — replicou o cabelleireiro.

— Ja lhe disse: vá com Deos, que está aqui muito sol; não estou para cavacos.

A creada retirou-se a dar conta á ama do interrogatorio do jarreta. Ernestina rió do equivoco, e foi ainda espreitar, por entre as cortinas, os dois velhos, que ficaram largo tempo em consultas.

Ignacia Torta dizia :

— Olha que te enganaram, homem! Pregaram-te esta peça ; não contes a ninguem que cahiste no lógro.

— E' assim, Ignacia : foi mangação. Deixa estar que eu heide dizer ao bregeiro que, apezar de velho, e de não estar em cima o meu partido, ainda tenho fibras nos pulsos para lhe esmurrar as ventas...

N'este proposito, voltaram os velhos á sua casinha da rua dos calafates, onde a Sra. Ignacia lastimou a perda de dous freguezes, que bateram á porta, em quanto elles por lá andaram.

Ao anoitecer do mesmo dia, veio á loja o sujeito que denunciára Alberto. Atiraram-se os dois velhos a elle com grande algazarra de insolencias. O denunciante insistiu na veracidade de suas informações, accrescentando que Alberto mudára de appellidos, mas não de cara. Pediu elle ao cabelleiro que voltasse lá ao palacete, e, em vez de aldravar á porta, esperasse que o filho sahisse de casa ahi por volta do meio dia. Tão miudo foi o sujeito em esclarecimentos, que José Antonio voltou a crer que era seu filho o sujeito que renegára os appellidos de seu pai.

« Mas — accrescentou o informador — Vm. vá passados dias, que seu filho foi á feira de Evora, e não pôde voltar senão para o começo da semana que vem.

Assim mesmo, não teve mão em si o impaciente barbeiro. Logo ao outro dia, deixou os freguezes, e a mulher sem vintem para o jantar, e foi sentar-se defronte do palacio.

A creada da anterior palestra reconheceu-o, e foi chamar Ernestina.

— Que fará elle ali com os olhos cravados n'esta janella ? — disse a esposa de Alberto.

— Será doido, minha Senhora ?

— Ora doido ! não tem geito d'isso !... Aqui ha mysterio neste homem ! Quem sabe se elle vem mandado pelo pai ou pela mãe de meu marido ! Andam uns taes segredos n'esta gente, que bem pôde ser que o velho precise muito fallar ao Sr. Alberto, e não quizesse dizer de mando de quem vinha.

— Não lhe vejo furo á sua lembrança, fidalga ! tornou a creada.

— Abre tu a janella, e pergunta-lhe o que quer d'aqui.

A moça, que não estava morta por outra coisa, foi á escada, e disse :

— O' homem, Vm. quer alguma cousa ?

— Alguma cousa quero.

— Cá de casa ?

— Sim, lá de casa ; mas o que eu quero não está lá : outra vez será.

— Vm. quer fallar com o fidalgo ?

— Sim, Senhora.

— De mando de quem ?

— De mando de quem ?! isso elle o saberá...

— Vês — disse Ernestina — olha que é o que eu digo, Luiza. Pergunta-lhe se é do mando do pai.

— E' do pai ? — perguntou a creada.

— E' o pai, é — disse gesticulando com ar triste o cabelleireiro. Ernestina sahio á janella, e disse com ar affectuoso:

— Meu marido está fóra da terra ; mas, se é cousa que possa dizer-se a mim, eu mando abrir a porta.

— A Senhora é a mulher d'elle ? — redarguiu mestre José Antunes.

— Sou.

— Então, não se me dá de lhe dar duas palavras.

Abertas as portas com grande estrondo, o barbeiro entrou na sala de espera, onde veio recebel-o Ernestina.

— Queira dizer o que quizer que eu communique a meu marido.

— Fará favor de dizer a seu marido que veio aqui procural-o seu pai, que ainda mora na rua dos Calafates, e lá tem a mesma loja de barbeiro com que elle o sustentou na eschola, e com que o vestiu quando elle foi ser amanuense d'um tabellião. Diga-lhe que eu não vinha pedir-lhe nada ; mas que o queria ver, e que n'outro dia cá virei.

— Vm. não sabe com quem falla ! exclamou Ernestina ; meu marido é Alberto de Castro e Perestrello !

— Qual Perestrello nem qual diabo ! — retroqui o barbeiro — seu marido chama-se Alberto Joaquim Antunes ; assim nasceu, e assim hade morrer ; filho legitimo de mim e de minha mulher Ignacia Torta, baptisado na Igreja de S. Roque em 10 de Janeiro de 1811. E' o que é ; o mais são trapalhices d'aquelle máo filho que arrenga o nome do author de seus dias ! Então de que berzabum diz elle que é filho, não me dirá a senhora. ?

— Meu marido é filho d'um fidalgo ! — exclamou irada Ernestina.

— Não é máo fidalgo ! As armas da nossa casa são as bacias de barbear que lá estão penduradas nos ganchos á porta. Tivesse elle juizo, o patife, fidalguia não precisava d'ella. Olha o impostor de não sei que diga ! Pobre Ignacia, que desfez um capote novo de

castorina cór de mellaço para lhe fazer uma sobre-casaca! Pagou-lhe bem o ingrato! Adeus, passe muito bem; já lhe disse que não vim pedir esmola nenhuma, vivam com sua riqueza, que eu cá me irei remindo com o meu pouco, e com a graça de Deus.

VIII.

A creada, que estava escutando o dialogo, logo que o velho sahiu, correu a tomar nos braços sua ama, que ficára petrificada e livida.

— Será mentira, minha senhora! — exclamou compadecida a moça — Bem lhe dizia eu que o homem era doido!

— Deixa-me — murmurou Ernestina — aquelle homem disse tudo d'um modo que não póde ser mentira... Alberto mentiu-me vilmente, sem precisão... porque eu tanto o amava sendo elle filho d'um barbeiro como d'um rei. Mas esta vergonha, e outras — que hão de seguir-se, que percisão tinhamos d'ellas? Um homem que despreza seus pais, que fará á sua mulher, em se aborrecendo d'ella por amor d'outra!

E continuou assim nestes pensamentos que o leitor deve achar muito rasoaveis e naturaes em coração nobre; posto que eu desconfio que Ernestina sentia dentro do insondavel abysmo, chamado coração, um doloroso arrependimento de se haver ligado a filho de barbeiro. Que ella tanto o amasse assim, como se elle fosse filho d'um rei, isso não creio eu, por mais que m'ó preguem.

IX.

Dois dias depois, chegou Alberto da feira de Evora; trazia dois cavallo hespanhoes d'alto preço.

— Compraste dois?! — disse Ernestina. — A tua tenção era comprar um só.

E' verdade: meu pai tinha-me dado cincoenta moedas; mas minha mãe fez-me a agradavel surpresa de me mandar entregar na feira outras cincoenta.

— Tua mãe? — atalhou com amarga ironia Ernestina.

— Sim... perguntas-me isso com um certo ar...

— E' o meu ar natural... Gostava eu muito de ver tua mãe... e ella talvez que sympathisasse comigo...

Seria milagre abafar Ernestina o despeito que reina em palavras, gesto, e nas mais insignificantes mutações de semblante.

Alberto, não podendo com a vergonha que suspeitava imminente, teve o descoco de acelerar a catastrophe, com imprudentes pro-

vocações. A esposa, quasi violentada, contou o successo, e repetiu quasi na integra as palavras do velho, adoçando-as com as branduras de mulher que, por tal motivo, não deixava de amar seu marido com o mesmo affecto.

E' indescrível a raiva de Alberto! Por momentos o demonio do parricidio lhe cravou as unhas no peito, escorchando-lh'o em vomitos de injurias que nem a esposa poupavam. Ernestina enraivou-se tambem, e respondeu com duras phrases ás injustas imprecações do possesso.

Passados dias, Alberto, quando sahio, viu o pai, e voltou o rosto. O velho seguiu-o, chamando-lhe epithetos adequados, mas desagradaveis. O máo filho voltou-lhe uns olhos coruscantes de ira, e disse-lhe:

— Não me persiga, quando não...

O angustiado cabelleireiro não podia seguir-lhe a presteza dos passos. « Eu te amaldiçô-o » foram as suas ultimas palavras, ás quaes Alberto respondeu com um riso de feroz escarneo.

Não longe deste dia, quando a imprensa relatou o successo, Alberto desapareceu de Lisboa; mas Ernestina ficou esperando dias sobre dias a volta do marido. Quando se lhe acabou o dinheiro, mandou ao banco receber uma acção, e soube que todas tinham sido vendidas pelo marido com procuração de sua mulher.

Ernestina estava roubada: de seu patrimonio restava-lhe a mobilia, cuidava ella; mas o senhorio da casa fez-lhe sequestro em parte das alfaias pela renda de um anno, e outros credores levantaram outra parte, deixando-lhe apenas um leito e os objectos de seu uso, com algumas joias escondidas pela leal creada.

Ernestina entrou de novo no Recolhimento de S. Christovão, onde eu a conheci, ha poucos mezes, servindo de porteira, logar que desempenhava indignamente porque estava idiota.

Poucos dias depois que eu a conheci, foi d'ali removida para um asylo de mendicidade.

Alberto não sei dizer que destino teve. Póde ser que seja um destes viscondes a quem eu a perto a mão todos os dias.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

CHRONICA DA LITTERATURA PORTUGUEZA.

II.

A casa *Moré* edictou as *Memorias do Carcere*, de Camillo Castello Branco.

O nome do author deste livro inutilisa a redundancia de encaeados prologos, com que eu pudesse inculcal-o á estima do meu leitor.

O talento de Camillo Castello Branco vigorou e robusteceu notavelmente no seu adollescer, sempre trabalhado de amargos desgostos. O ultimo periodo da sua vida tempestuosa arrelvou-lhe de flores outoniças e enflorou-lhe de fructos saborosos a fantasia desangrada da primitiva seiva, irrequieta, superabundante, esplendida sempre, mas debil e achacosa d'antes, como planta que recebia o alimento pela rama e não pela raiz. O substancioso crescer e madurar desta notavel imaginação palpa-se agora progredindo de dia para dia em cada uma das successivas produções com que ella de continuo se engrinalda.

Em um capitulo do *Amor de perdição*, escripto do carcere no curto espaço de quinze dias, segundo a asseveração do author, encontra-se já uma descripção dos enredados conductos de um caminho, superior ao melhor que neste genero temos lido nas demais obras deste romancista. E' um exemplo do genero descriptivo, que recordará ao author, sem lhe mover inveja, os immortaes modellos de Walter Scott.

O typo do ferrador, no citado livro, aquelle bem intencionado homem, desalumiado e rude, que serve como escravo selvagem os imprescriptiveis deveres da amisade e da gratidão, saldando a ponto as suas dividas, com sacrificio e abnegação traduzida e patenteada já nos mais alevantados rasgos de probidade, já na voluntaria deshonra, ou no homicidio conscienciosamente despejado pela boca da sua clavina; — este singelo e verdadeiro typo é magistralmente delineado e tem um acabamento perfeito.

São dois bellos raptos do talento o mau fim do ferrador traspasado pela carga de um bacamarte, que viandante, desconhecido como o destino, lhe despeja na arca do peito, fazendo-o tombar á presença de Deus no mesmo lugar em que elle commettêra a sua primeira morte, e o saudoso e amorosissimo adeus acenado com lenço branco de uma janella do convento de Monchique ao desterrado Simão da Cunha, que passa no Doiro para nunca mais voltar, e com os olhos

arrasados de lagrimas mal vê já esse derradeiro e esmorecido almejar da sua esperança que morre...

São esses dois sublimes lances, que lembrarão sempre a quem uma vez os ler, embora o livro passe, e desapareça da lembrança o nome do author. Esse é o verdadeiro cunho com que o genio assella e legitima as suas obras.

Nas *Memorias do Carcere* não ha esses arroubos fantasiosos que erguem o espirito ás alturas em que o clarão deslumbra; nem estas *Memorias* são um livro de fantasia temperado com os estímulos fortes do romance.

A obra cuja apparição eu saúdo é talvez menos— ou mais — que um estudo; é singelamente uma observação, mas observação funda, perfeita, cabal, dos differentes episodios que se succediam na tela negra da miseria, desdobrada ao sabor do acaso ante os olhos do poeta.

Alguns sujeitos chocalheiros e mettidiços da vida alheia, fariscaram um escandalo no titulo deste livro. Presuppunham-no elles a escancarada historia de um lar domestico, uma especie de boqueirão aberto por onde um resentimento espesinhado haveria de manar odios e vinganças. Tragaram estes uma triste decepção: Camillo deu a muitos dos seus confrades da imprensa um saudavel exemplo de moralisação litteraria, abstendo-se de servir a causa propria á custa dos leitores incautos.

Eu, que sou um fanatico adorador de todos os principios de liberdade, odeio a letra redonda, e choro pela lei que quiz arrolhar a imprensa, quando encaro com estes periodiqueiros sem gravata, que fazem de um jornal o estendal nauseabundo e obsceno de toda a roupa suja da freguezia!

Pois manda-se retirar da praça publica o mendigo que exhibe uma ulcera, e hade haver lei que permitta a um pedintão descarado e mal fallante que rasgue aos olhos do mundo inteiro o sendal de todas as asquerosidades que conhece?! Isto é um insulto á vergonha publica, isto é um estúpido alvedrio concedido aos tolos e aos máus. A vida intima devia ser defesa por uma vez á sanha destes sabujos hydrophobos. Assim o pedia a dignidade, a moral e a honra.

E' por effeito desta convicção que eu nunca defendi nem aggreedi Camillo Castello Branco na sua vida particular. Publicos accusadores e publicos defensores sempre me pareceram igualmente offensivos do bom decoro e da boa educação. Se a minha consciencia absolve no foro intimo o que é réo perante a lei, estendo-lhe a mão;

se o contacto de alguém me incommoda, afasto-me. Não reconheço em mim, nem admitto em ninguém, direitos mais extensivos.

Nas *Memorias do Carcere* ha apenas uma allusão muito vaga ao motivo do encarceramento do author. E' o primeiro capitulo do segundo volume, por onde Camillo Castello Branco deixa passar um tenuissimo raio de luz para o seu viver intimo. E' este um capitulo grave, recatado e pudico, que mais consente adivinhar do que deixa ver. Ainda assim destôa do pensamento que inspirou o livro, e desdiz da idéa geral que eu faço d'elle.

O livro de Camillo é uma collecção de esboços biographicos; é a photographia de muitos dos seus visinhos do carcere; é a desgraça exactamente copiada pelo perfil que ella apresentava aos olhos do author na Cadeia da Relação do Porto.

A luz que alumia esses quadros, tristes ou alegres, abjectos ou heroicos, não é a luz tetrica da masmorra, é o radiante clarão do dia, descoberto em todo o seu esplendor; os olhos que estão vendo na vida esses quadros, que hão de debuxar-se na tela, são os olhos do talento despreoccupado, e feliz da sua liberdade inteira. Camillo Castello Branco escreve do carcere rindo dos outros e de si proprio, como Voltaire nos ferros da Bastilha. Absolvido, o author do *Homem de brios* falla-nos da Cadeia livre e desafogadamente, sem saudade por ella, mas tambem sem resentimento e sem dôr. Faz lembrar o dito do escriptor francez: « Acho muito bom que Vossa Alteza cuide em me dar de comer, mas supplico-lhe que não pense outra vez em arranjar-me casa. » Para o poeta da *Henriada* e para o author do *Amor de perdição* a Cadeia é questão de um gracejo.

Entre os typos dos differentes encarcerados, apresentados ao leitor nestas memorias, alguns ha primorosamente delineados.

A historia de Coutinho, insignificante falsificador de moeda, é uma lindissima narrativa. Sentem-se no coração aquellas lagrimas do pobre velho partilhadas por uma cadellinha, companheira unica do desesperado infortunio daquelle homem, intelligente, e sem nome, sem familia e sem amor; para quem não ha um vislume de esperança no futuro nem uma consolação no presente; desconhecido da sociedade, deslembrado dos homens, sepultado n'um carcere, e condemnado por lei irrevogavel a ir morrer longe, bem longe, da unica felicidade que elle poderia appetecer na terra — a liberdade e a patria !

Não é facil ler sem commoção alguns trechos da biographia deste homem, que muitos leitores conheceram. Citei o modo como elle recorda nos ultimos dias de vida os jardins onde brincou a sua descuidada meninice.

« N'aquella quinta dos Olivaes haviam anemolas... Como era fresca e bella aquella candidez das anemolas! Nas ruinas os cachos das trepadeiras; as cilindras na rampa que subia para o olival, as acacias na circumferencia do tanque; as laurentinas e as madre-silvas!... Oh! que saudade eu tenho daquelles sitios onde a minha alma era tão pura e innocente como as flores!... Quando ha dez annos fui a Lisboa, e visitei aquellas ruinas, e por ali andei com o padre Alvaro, como eu chorava, senhor, como eu me sentia bem chorando ao pé de cada arvore envelhecida, que nascêra comigo! Onde eu vim, meu Deus! onde eu vim morrer! Nem agora um pouco de ar livre! Que perderia o mundo se me deixasse agonisar e morrer onde visse o ceu! Quem me dêra um bocadinho de ar, que a esta hora tem o desamparado que morre na serra ou nas tormentas do mar!... »

Deste mesmo genero é a historia do tenente Salazar, a do José do Telhado, e outras. São lagrimas, não imaginadas pelo poeta, se não vivas e choradas por aquelles que as sentiram borbulhar e rebentar do coração com a vida.

O espirito do leitor desentenebrece deste peso de infelicidades com a leitura de paginas alegres muito artisticamente entresachadas no volume. Taes são aquellas em que se nos pinta o *Sr. José Dias*, mestre-escola da Cadêa, e o *Sr. Rocha*, que enxota o diabo, levanta a espinhela cahida, e talha o bicho e o mau ar com notavel pericia e acceitação geral; e muitas outras, em que o auctor tranca o «ridiculo» nos ferros do seu quarto, e o obriga, ali mesmo, a cumprir a sua obrigação de fazer rir a gente.

Camillo Castello Branco conclue a sua obra com estas linhas:

« Fecham-se as *Memorias*.

« Ha n'ellas uma grande lacuna. Eu devia ter dito porque estive preso um anno e dezeseis dias. Não disse, nem digo, porque verdadeiramente ainda não sei porque foi ».

Parece-me isto uma insinuação demasiadamente directa, que desafina da geral harmonia do livro, e que o auctor eliminaria da sua obra, se podesse dar-lhe um conselho admissivel, critica mais entendida e autorisada do que a minha.

A linguagem deste livro, como a de todos os que ultimamente tem publicado Camillo, é selecta e castigadamente elegante e portuguezissima. Lê-se, admira-se, toma-se de cór, e lá se acha depois coado na intelligencia o succo de uma excellente lição.

J. D. RAMALHO ORTIGÃO.

SERÁ PROLOGO?

Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Quando a necessidade entra pela porta, sahe a virtude pela janella—diz o proverbio.

Eu nunca tive a porta fechada; a janella, porém, abre-se agora, para sahir esse maldito verso, que tive a imprudencia de escrever em hora aziaga. Ponderando eu a urgencia de apresentar aos meus leitores algumas linhas de introduccão ás oitavas que se seguem, disparou-me um amigo esse verso, esperando, talvez, que eu calisse a seus pés, ferido mortalmente na parte mais sensivel do meu orgulho.

Enganou-se. Eu disse que—*Um prologo, por fim, é sempre asneira*—; mas não ousei sustentar que existisse um abysmo entre a asneira e esta sua innocente victima. O caso foi assim. Metti-me em uma empreza litteraria, cuja difficuldade reconheço agora que é muito superior ás minhas forças; mas o Camões, associado comigo nisto, brada-me lá de cima:

Não tornes pera traz, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada ».

Era forçoso obedecer-lhe. Recitei, na presença de algumas pessoas, uma pequena amostra do meu trabalho: applaudiram-n'ó, encheram-me de basofia, e foram dizer, depois, que eu estava fazendo uma parodia aos *Lusiadas*! E não só o disseram; houve até quem o escrevesse!

Que blasphemia, meu Deus! Eu, que sou eu, parodiar Camões!

Não creio em almas do outro mundo, mas julgaria mais facil vir Camões parodiar-me, se entendesse que valia a pena.

Não é uma parodia, uma paraphrase, nem cousa que o valha, o que intentei fazer. Abri a edicção dos *Lusiadas*, por José da Fonseca, impressa em Paris, em 1846, e lembrei-me de escrever dez satyras, que tantos são os cantos do inimitavel poema, dando a cada uma dellas o numero de versos que contêm cada canto, servindo-me detodas as suas rimas, de versos inteiros todas as vezes que o permittisse o assumpto, aproximando-me, finalmente, o mais que podesse do poema.

Dando principio ao trabalho, comecei a suar em bica, e ainda hoje não posso decidir se era devida ao calor essa distillação, ou ao phrenesi que me causava a difficuldade da empreza. Ouso dar publicidade á primeira satyra, se tal nome merece, e na qual sigo o primeiro canto dos *Lusiadas*. Como Lope da Vega,

« Sustento en fin lo que escribi y conozco
 « Que aunque fuera mejor de otra manera,
 « No tuvieran el justo que han tenido.
 « Porque á veces lo que es contra el justo
 « Por la misma razon deleita el gusto ».

Cada uma das satyras terá um titulo seu, e tratará de assumpto diverso: dando esse titulo á primeira, sinto amargamente desmentir o adagio :—Cada qual dá o que tem.

Não exalto o merecimento do meu trabalho, nem peço indulgencia para as faltas. Promettendo aos leitores do *Futuro* a primeira satyra, como amostra, recommendo aos poetas que se dediquem a fazer alguns ensaios neste genero, na certeza de que a superioridade dos seus trabalhos só lhes attrahirá o meu respeito, e jámais a inveja. Aos que não forem poetas... dou-lhes os meus sinceros parabens.

F. X. DE NOVAES.

DINHEIRO!

E enquanto eu cstes canto, e a vós não posso,
 Sublime rei, que não me atrevo a tanto,
 Tomai as redeas vós do reino vosso,
 Dareis materia a nunca ouvido canto.

CAMÕES—CANTO 1.^o—ESTANCIA 15.^a

I.

Valem pouco os *Barões assinalados*
 Que, despidos na *praia lusitana*,
 Per *mares nunca d'antes navegados*,
 A nado foram vêr a *Taprobana*:
 Outros heroes eu canto que, *esforçados*,
 Foram pescar mais longe carne *humana*,
 E palacios, depois, *edificaram*,
 E seus nomes, chrismados, *sublimaram*

II.

Nestas grandes empresas, *gloriosas*,
 Vaê-se a elastica bolsa *dilatando*,
 Como as leis da moral, por *viciosas*,
 Se vão nestas viagens *devastando* :
 Bem sabem estas almas *valerosas*,
 De peias a consciencia *libertando*,
 Que é monarcha o dinheiro em toda a *parte*,
 Se aos vassallos não falta o *ingenho e arte*.

III.

Ama o dinheiro o Grego e o *Troiano*,
 E, falso, ninguem diz se algum *fizeram* ;
 Nem juro, *d'Alexandre* e de *Trajano*
 Que soubessem ganhar o que *tiveram* :
 Turco, mouro, francez ou *lusitano*,
 Todos á sua voz *obedecceram* ;
 E com razão ;—sabemos como *canta*,
 E como, tendo-o, a gente *se levanta*.

IV.

Por elle mil brasões se tem *creado*,
 Por elle é manso e meigo o tigre *ardente*,
 E' por elle o pedante *celebrado*,
 Por elle vive o louco *alegremente* ;
 E até, por elle, o vate *sublimado*,
 Avesado a beber agoa *corrente*,
 Se perde, quando a sêde um dia *ordene*
 Que prefira o COGNAC á de *Hypocrene*.

V.

Saia, pois, desta gaita *sonorosa*,
 Que á sabia gente agrade, e á gente *ruda*,
 Alto som de trombeta *bellicosa*,
 Aureo poder cantando, que não *muda* :
 Tenha a tuba da fama, tão *famosa*,
 No debil sópro valiosa *ajuda* :
 Venha meu canto ouvir todo o *universo*,
 Sem que saiba ninguem se é prosa ou *verso*.

VI.

Dá-me a paciencia alheia a *segurança*,
 De que hei de FLAUTEAR com *liberdade*,
 E não menos *certissima esperança*
 De ser ouvido em toda a *christandade*;
 Que a tudo agora, sem temor, se *lança*
 Um menino qualquer de tenra *idade*,
 E sei de gente, sem que Deus o *mande*,
 Que antes de ser pequena já é *grande*.

VII.

Eu, que sinto o meu estro *florcente*,
 Que tenho a protecção da musa *amada*,
 Aos povos do Levante, e aos do *Occidente*,
 Risonha a mostrarei, por mim *chamada*,
 Galhofeira, e enfeitada, no *presente*,
 Embora velha já, musa *passada*;
 Quem a balda no berço não *deixou*,
 Também mais tarde emenda não *tomou*.

VIII.

Tem no mundo a sandice um vasto *imperio*,
 Não diz a historia onde reinou *primeiro*,
 Nem pôde alguém prevêr em que *hemispherio*
 Seu reinado ha de ser o *derradeiro*;
 E, rico, eu provarei, sem *vituperio*,
 Que é irmão do cavallo o *cavalleiro*,
 Que mais se que o christão tem o *Gentio*,
 Que é doce a agoa do mar, como a do *rio*.

IX.

E, subindo orgulhoso á *magestade*,
 Sobre o throno a reinar, que eu já *contemplo*,
 Serei mais que os heroes da *prisca idade*,
 Se consigo habitar um aureo *templo*;
 Nem creio que haja aqui *benignidade*,
 Antes, sim, de justiça altivo *exemplo*:
 Cessam de reis os contos *valerosos*,
 Quando OS CONTOS DE RÉIS são *numerosos*.

X.

Basta, sem por orgulho ser *movido*,
 De no mundo tornar meu nome *eterno*,
 Mostrar-me só dos grandes *conhecido*,
 Chamar ao MONTE-CHRISTO avô *paterno*;
 Assim, pelo dinheiro *engrandecido*,
 Como nobre sem par, *senhor superno*,
 Vereis que ha de julgar cousa *excellente*
 Arrastar-se a meus pés, vaidosa *gente*.

XI.

Loucuras que eu fizer, serão *façanhas*,
 Verdades minhas fallas *mentirosas*,
 E hão-de buscar-me, até, gentes *estranhas*,
 De ver-me e de saudar-me *desejosas*;
 De mim se hão-de contar acções *tamanhas*
 Que, d'outro, as julgariam *fabulosas*;
 Cahirão *Rodamonte*, e o vão *Rugeiro*,
 E *Orlando*, inda que fôra *verdadeiro*.

XII.

Um cavallo terei, altivo e *fero*,
 Trinta pagens por dia ao meu *serviço*,
 E em cada bécço um inspirado *Homero*,
 Meus dotes a cantar, como eu *cubiço*.
 Se por valente celebrar-me *quero*,
 Cesar esquece, foi poltrão *Magriço*,
 E se inveja me causa a *illustre Gama*,
 N'uma canôa, eu só, fôbo-lhe a *fama*.

XIII.

Atravessando o mar, entro na *França*,
 Da lingua que aprendi perco a *memoria*;
 Gaguejando francez, e em riste a *lança*,
 De mil duellos sahirei com *gloria*;
 Aqui virei depois, com *segurança*,
 Em gago portuguez cantar *victoria* :
 Serei de muitas Ordens *cavalleiro*,
 D'outras muitas mordomo e irmão *terceiro*.

XIV

Serão, pelos meus feitos, *esquecid os*
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
Fizeram, só per armas tam subidos,
 Uma antiga bandeira vencedora:
 Se por Castro, e Albuquerque, tão *temidos,*
 Inda a familia com saudade *chora,*
 Mais heroe eu serei, que — rico e *forte* —
 Heide, em vez de morrer, matar a *morte.*

(Continúa).

F. X. DE NOVAES.

Lembranças que parecem esquecimentos.

Os grandes homens são como as bellas vistas de theatro: só para o longe.

O amor, como o sol, nasce risonho, chega ao zenith escaldando, e rapido descamba nas trévas; mas a noite para este é curta, para aquelle eterna.

Quando Caim matou Abel, disse Jehovah ao fraticida: — Sé maldito e vagabundo sobre a terra; mas quem te matar sete vezes será castigado. Veio depois Jesus Christo e disse: — Não matarás! Mas eis que a sociedade faz-se Deos, revoga o preceito de Deos, e diz: — mate-se em nome da lei!

Eu só admittiria a pena de morte com um correctivo; o de serem enforcados os juizes no momento em que se verificasse a innocencia do suppliciado.

Dous e dous são quatro, diz o mathematico; veremos! diz o legista.

Coração de moça — barquinha de passageiros.

Coração de velha — chaveco em que só se arrisca algum californiano.

FASCINAÇÃO.

*Tes lèvres, sans parler, me disaient : — Que je t'aime !
Et ma bouche muette ajoutait. — Je te crois !*

MME. DESBORDES-VALMORE.

A vez primeira que te ouvi dos lábios
Uma singella e doce confissão,
E que travadas nossas mãos, eu pude
Ouvir bater teu casto coração,

Menos senti do que senti na hora
Em que, humilde — curvado ao teu poder,
Minha ventura e minha desventura
Pude, senhora, nos teus olhos ler.

Então, como por vinculo secreto,
Tanto no teu amor me confundi,
Que um somno puro me tomou da vida
E ao teu olhar, senhora, adormeci.

E' que os olhos, melhor que os lábios, fallam :
Verbo sem som, á alma que é de luz
— Ante a fraqueza da palavra humana —
O que ha de mais divino o olhar traduz.

Por ti, nessa união intima e santa,
Como a um toque de graça do Senhor,
Ergui minh'alma que dormio nas trevas,
E me sagrei na luz do teu amor.

Quando a tua voz purissima — dos lábios,
De teus lábios já tremulos correu,
Foi alcançar-me o espirito encantado
Que abrindo as azas demandára o ceu.

De tanta embriaguez, de tanto sonho
Que nos resta ? Que vida nos ficou ?
Uma triste e vivissima saudade....
Essa ao menos o tempo a não levou.

Mas, se é certo que a baça mão da morte
A outra vida melhor nos levará,
Em Deus, minh'alma adormeceu contigo,
Em Deus, contigo um dia acordará.

MACHADO DE ASSIS.

A ARTHUR NAPOLEÃO.

(NO SEU ALBUM.)

Vi-te no berço, de cabellos louros
Pela fronte espaçosa a esvoaçar;
Do genio revelando os mil thesouros
No gesto, no sorrir, no breve olhar!

Vi-te, cercado de amorosos laços,
Como brinco a passar de mão em mão;
Suspendiam-te, agora, uns meigos braços,
Ligavam-te outros, logo, ao coração.

Igual affecto sobre ti mantinha
De affagos maternaes o duplo ardor;
Esta era tua Mãe... aquella a minha...
Era o sangue d'aqui, d'ali o amor.

Do berço ao palco, sem tremer, saltando,
Foste, innocente, ser gigante ali;
E a lyra, que inda a medo ia pulsando,
Fui depô-la a teus pés, cantou... por ti!

Mas não póde parar genio fecundo,
Viver, florir, crescer, só entre os seus;
Soubeste que era tua patria o mundo,
A patria foste ver, disse-te; « adeus. »

E voaste, depois, de gloria em gloria,
E sempre excelso heroe d'amplo festim!
E eu?... Não queiras ouvir a minha historia,
Não queiras, meu Arthur, chorar por mim.

Aves perdidas, no voar errantes,
Eis-me de novo, aqui, ao lado teu;
Mas... ludibrio de magoas incessantes,
Só te diz a apparencia que sou eu!

O ardor do enthusiasmo... arrefecido!...
A alegria d'outr'ora... busco-a em vão;
O estro ousado... sem vigor... perdido;
Vive só, por meu mal, o coração!

Eu, que propheta fui do teu futuro,
Do que és hoje, entre nós, inda pasmei:
Contemplo-te, homem já, candido e puro,
Vejo-te, inda creança, artista rei!

Podesse, ao ver-te assim, meu pobre canto
Expandir-se, elevar-se e a ti chegar;
Chama-te a gloria além... corre-me o pranto,
Só posso neste — adeus — por ti chorar.

CHRONICA.

Rio de Janeiro, 1.^a de Janeiro de 1863.

Abre-se o anno de 63. Com elle se renovam esperanças, com elle se fortalecem desanimados. Reunida a familia em torno da mesa, hoje mais galharda e profusa, festeja o anno que alvorece, de rosto alegre e desafogado coração. 62, decrepito, rugado, quebrantado e mal visto, rôe a um canto o pão negro do desgosto que lhe atiram tantas esperanças malogradas tantas confianças illudidas. Pobre anno de 62! Deverei eu entrar no côro dos accusadores? Que podias fazer? Tiveste contra ti os elementos, o céu e a terra, os homens e as cousas; a tua vontade era sincera, mas a tua força era comparativamente nulla. Toma o bordão e segue o caminho da eternidade; olha sem desgosto as festas com que é recebido teu joven irmão; d'aqui a doze mezes, estará como tu, velho, rugado, mal visto e apupado. E' a eterna ordem das cousas.

63 alvorece entre palmas e beijos. Será seu horisonte limpido e sereno, nenhum ponto negro, ao longê, fará estremecer os espiritos? Não; 62 lega a 63 uma pesada herança; guerras, perturbações, descrenças, odios, malquerenças, pirraças; nações sem rei, á cata de rei; reis sem throno, á cata de throno; reis constitucionaes sem constituição; luta de irmãos, rusga de primos; papa-rei em Roma, rei-papa em França; o Oriente tempestuoso, o Occidente ennuablado; o argumento em duello com o sophisma, a mentira com a verdade, a boa fé com a velhacaria; mitragens politicas no sul, no norte, no oeste, de um polo a outro, da parte de Achilles, da parte de Heitor; a indecencia triumphante, o decóro villipendiado, a sinceridade mal entendida; a loucura no fastigio, o bom senso ao sopé; imagem do cahos, emfim, onde se abalroam, procurando solução, *duro e molle, o que é leve e o que é pesado.*

Tal é o fardo que 62 põe nos hombros de 63. Terá 63 força para pôr ordem a esta balburdia? Duvido; é tarefa superior ás forças de um anno; mas elle fará o que puder, estou certo.

E entre todas as serias questões, a do Amazonas não tem lugar distincto? Certo que sim. Que resultará desta pendencia entre o Imperio e a Republica Peruana? Confesso que não sei, nem a nin-

guem é dado prever o futuro nas cousas do meu paiz. Mesmo confessando as boas intenções dos que vão ao leme do Estado, ha razão para abstrahir da logica e contar com o imprevisto e com o absurdo. As ultimas noticias do Amazonas não são animadoras: é com receio que espero as noticias proximas; affigura-se-me que hão de ser peiores, por mal da nação, e por gloria do nosso rixoso co-ribeirinho.

Não é raro fazermos triste figura nas nossas pendencias internacionaes; anda nisto uma fatalidade, quero crel-o; a idéa de um imperio enguicado é menos desanimadora que outra, facil de comprehender, e que eu deixo ficar tranquillamente no tinteiro. As lições do passado servem de espelho ao presente e ao futuro, e o nosso receio é deste modo natural.

A's leitoras parecerão diminuidas desta importancia as considerações que acabo de fazer. E realmente como poderião esses tenros espiritos apprehender-se destes receios e destas angustias? No momento do perigo, do perigo palpavel, do perigo visivel, eu sei, a mãe manda seus filhos á batalha, a esposa separa-se facilmente do esposo, a irmã do irmão. Mas por agora, que estamos nos preliminares e em pleno verão, que idéa terá suspenso o espirito da leitora? Ir para Petropolis ou para a Tijuca, fugir ao fogo que toda a cidade respira, ir beber nas auras das montanhas o ar puro e fresco que insinua a paz e o descanso no espirito. Que impedimento a detem? que razão lhe fechará o caminho, que revista da quinzena a obrigará a estar presente na Côrte? Nada dessas cousas; escolhido o ponto da emigração, prompta a malla, escolhidos os livros... Ah! por fallar em livros escolhidos, aconselho ás leitoras que, juntinho ao abbade Smith, simples e candido escriptor, levem um livrinho modesto, candido pela fórmula e pelo fundo, paginas escriptas, reunidas por um talento que alvorece, terno e ingenuo, o *Lyrío Branco* de Luiz de Guimarães Junior.

Lêa a historia de Coração (é o nome da heroína) que ganhará boas e doces impressões; valerá o mesmo que passear o olhar por um horizonte azul e puro, tal é a innocencia dos amores do par de que trata o livrinho. Maria da Conceição, é um nome que eu acho lindo e que compete a certas creaturas entre a terra e o céu; o sentimento geral é que é um nome ridiculo e prosaico; pois veja a leitora com que arte o autor sabe dizer que a heroína da historia, a menina dos quinze annos, chama-se Maria da Conceição, de maneira a não repugnar aos paladares communs. Coração, explica depois o autor, era o nome dado entre familia.

Depois ajunte a leitora alguns versos queridos, escriptos por despedida, com lagrimas, com sentimento, alguma flor secca recendendo o perfume da mão que primitivamente a teve, ali está uma bagagem que ha de fazê-la passar um verão feliz.

Quanto a mim, cá fico para assistir de perto aos acontecimentos; para ir ver os acrobatas da Guarda Velha e do theatro de S. Pedro; para assistir aos applausos que hão de saudar dous jovens talentos dramaticos, os autores da *Tunica de Nessus* e da *Mancenilha*, annunciadas pelo Atheneu, e mais os que apparecerem; cá fico, no meio do pó, do calor, condemnado a não arredar pé do cepo fatal.

Sem pó e sem calor, e pelo contrario, debaixo de copiosa chuva, foram alguns intrepidicos amantes da boa musica e dos bons talentos a S. Domingos no dia 27, para onde os convidaram por carta os Snrs. capitão de mar e guerra José Secundino Gomensoro, brigadeiro M. E. de Castro Cruz e Antonio Ignacio de Mesquita Neves, promotores de um concerto dado por Antonio Luiz de Moura.

Moura é um distincto professor de clarineta, devendo ao seu merecimento a sua infelicidade, consorcio quasi infallivel no nosso paiz.

Os intrepidicos que puderam atravessar a bahia para ir assistir ao concerto não eram em grande numero. Nem por isso a reunião deixou de ser animada, ou talvez que por essa circumstancia tivesse mais animação. A pouca gente dá certo ar de familia e põe mais a gosto convidados e concertistas. Foi o que aconteceu em S. Domingos.

A escolha de um sitio camparesco foi bem avisada, e, a não ser a chuva, o que a festa perdeu ganharia em dobro. Pena é que por estes tempos se deva forçosamente contar com a chuva, o que infelizmente não entra nos calculos de ninguem.

Tomaram parte no concerto varios amadores de merito, e para não estender-me em mais detalhada apreciação, que não posso, á mingua de espaço, citarei entre todos o nome da Exma. Sra. D. Maria Leopoldina de Mello Neves, esposa de um dos signatarios das cartas de convite.

Hoje ha uma reunião, não musical, mas litteraria e musical, no salão da Phil'Euterpe. E' dada pela sociedade *Ensaio Litterarios*, que completa quatro annos de existencia. Os membros desta modesta associação seguem assim o exemplo salutar do Gremio e do Retiro Litterario. Deos queira que a chuva não afugente ninguem.

Acabo de receber um novo volume da *Bibliotheca Brasileira*; mal deitei os olhos ao rosto do livro; é um romance traduzido que se intitula *Lady Clare*. Na proxima chronica direi o que pensar da obra.

Passarei a mencionar a inauguração do retrato de Francisco de Paula Brito, na sala das sessões da Sociedade Petalógica. Paula Brito foi amigo desta associação, que em sua casa se fundou; durante longos annos os membros da Petalógica tiveram nelle um dedicado companheiro, de amigo velho e provado que era. O dia 15, anniversarie da morte de Paula Brito, foi escolhido para a cerimonia da inauguração do seu retrato. Esta foi simples e modesta, como pedia o caso. Reunidos os amigos do finado, varios pronunciaram algumas palavras de saudade, e assim ficou realisada a tocante idéa. Paula Brito merecia estes signaes de gratidão saudosa que dão á sua memoria seus amigos de tantos annos.

Para terminar, convido a leitora a pôr de parte o *Futuro*; o que me resta a mencionar nada tem de imaginoso, é de natureza positiva, ha de enfiar-a, aborrece-la, cousa que nem suspeitar é bom. E para entrar bruscamente em materia dir-lhei-hei: — trata-se do Lloyd Brasileiro. O que é o Lloyd? E' uma associação, cujos estatutos dependem da approvação do governo. O governo, que afere a importancia das cousas pelo seu maior ou menor caracter positivo, não tem razão para dormir sobre a solução pedida. Ora, tanto quanto posso ver nesta materia, parece-me que as relações commerciaes ganham com a organização do Lloyd, que estabelece a segurança nos transportes por mar, e põe termo a muitos inconvenientes que existem hoje. Cabia descer a maiores explicações, mas nem tempo nem espaço tenho para isso.

Leitor, boas festas, a ti e a

MACHADO DE ASSIS.



O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Collaborado por varios escriptores brasileiros e portuguezes.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.
Afiança-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menor prazo.

Condições da Assignatura.

Para a Córte 15\$000 — Para fóra da Córte e provincias — 17\$000.

Assigna-se no escriptorio da redacção

RUA DO OUVIDOR N. 46. 1.º ANDAR,

onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes

Os Snrs.	
Catilina & C.ª	Bahia.
Cunha Irmãos & C.ª	Pernambuco.
Luiz Augusto de Oliveira	Maranhão.
Joaquim Baptista Moreira.	Pará.
Silva & Costa	Rio Grande do Sul.
Francisco Luiz Ribeiro.	Pelotas.
Joaquim Alves Leite	Porto-Alegre.
J. J. de S. Ayram Martins	Santos.
Felisardo Toscano de Brito	Parahyba do Norte.
José Gonçalves Guimarães	Maceió.
A. L. Garraux	S. Paulo.
Henrique Xavier de Novaes	Vassouras.